

BOLETIM n.º 68 — 2ª Série

OUTUBRO de 2020

Sítio da APLG: <https://aplg36.wixsite.com/aplgpt>

e-mail da APLG: aplg.direccao@sapo.pt

e-mail do Centro de Formação da APLG: aplgclassicas@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/APLG.pt/>

Apartado 4099 — 3030 - 999 Coimbra

Caros Colegas,

Setembro de 2020 – esperar-se-ia que tivesse sido o início de mais um ano letivo típico, mas tal não aconteceu. Na situação peculiar de pandemia em que se vive, muitos desafios nos têm sido colocados como professores e como seres humanos. Cada vez mais faz sentido “saber ser”, “saber estar”, “saber fazer”, e a Cultura e as Línguas Clássicas deixaram-nos esse legado.

Francisco Duarte Mangas, em *O Ladrão de Palavras*, conta-nos que “Há muitos anos, havia um homem que roubava palavras. As nossas melhores palavras. Metia-as, cuidadosamente, num saco de linho e desaparecia.” Ninguém sabia quem era o homem que os fazia acordar, dia após dia, mais pobres e tristes. Sendo as palavras de ouro, “Cada dia vivido, menos palavras havia para agasalhar a tristeza. Era como se a mãe quisesse fazer um pão-de-ló e não houvesse açúcar;”. As palavras roubadas eram as alegres, “as mais luminosas”, as melhores. A “coragem” também foi roubada e aprisionada no saco da alegria. Tanta era a tristeza que se transformou em nuvem sobre todos. Muitas outras peripécias aconteceram. Num certo dia, ouviu-se o grito “É preciso prender o ladrão de palavras!”. Uma mulher afrontou o silêncio, alguns habitantes resgataram a palavra coragem. Foi, então, que “A nuvem estremeceu, depois, como bicho do monte, fugiu espavorida”. O céu “ficou leve, azul, imensamente azul”, o Sol “bebeu” a melancolia de todos e “Em grande festa, o povo partiu à descoberta do bosque”, onde estava o saco de linho vazio. Nesse dia, prenderam nesse saco de linho vazio o ladrão da alegria. “Ele, afinal, era uma palavra – a palavra medo.”.

Que a Antiguidade Clássica nos conforte e nos ensine para que vençamos o medo e prossigamos!

Que continuemos resilientes e resistentes na Educação e na Vida!

A Presidente da APLG
Célia Mafalda Oliveira

In Memoriam

Sebastião Tavares de Pinho (1937-2020)

O Professor Doutor Sebastião Tavares de Pinho foi, durante décadas, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigador Integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (do qual era Coordenador Científico), grande vulto dos Estudos Latinos e Neolatinos em Portugal, partiu, inesperadamente, a 23 de janeiro de 2020. Regressava da sessão da Academia das Ciências (Lisboa), onde fora o orador principal a evocar a vida do seu mestre de humanismo, José Pina Martins. Foi com muito pesar e consternação que tomámos conhecimento!

Dedicado, principalmente, aos Estudos Literários (Línguas e Literaturas Clássicas, com destaque para a Língua e Literatura Latinas, e sua relação com a Literatura Portuguesa) e ao Humanismo, continuava envolvido em atividades científicas e almejava a concretização de vários projetos (entre os quais o de continuar a dar a conhecer as obras dos escritores novilatinos).

Ao longo dos anos, assumiu diversos cargos, nomeadamente vice-reitor da Universidade de Coimbra e presidente da Comissão Científica do Grupo de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da UC. Membro de várias academias e associações nacionais e estrangeiras, foi sócio fundador da Associação Internacional Anchieta (AIA) de São Paulo, Secretário-Geral e Tesoureiro da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL) e co-fundador e diretor da sua revista *Veredas*, e da revista *Máthesis* da Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa (Viseu). Foi também sócio fundador da Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos (APENEL) e presidente da sua Direção.

Todavia nada o impediu de ser sempre um homem simples. Ao reencontrar antigos alunos, o diálogo irrompia e era sempre com boa disposição e simpatia que fazia com que se viajasse no tempo e se sentisse, novamente, seu discente e amigo. As palavras do poeta Horácio foram proferidas e ensinadas muitas vezes. Com serenidade, evocava o Venusino, sem esquecer as suas vertentes satírica e moralista, tal como ele: homem plácido que, através da ironia, fazia com que, à sua volta, reinasse a alegria. A ele ficarão sempre ligados temas como a amizade e a máxima *carpe diem*.

A sua produção científica é muito vasta, podendo ser consultada, por exemplo, em <https://bit.ly/36sXzQq>, fazendo parte dela livros, capítulos de livros, artigos em revistas (com e sem arbitragem científica), trabalhos em eventos (com e sem arbitragem científica), traduções e outros documentos.



Foi figura assídua em muitos eventos, tendo estado, muitas vezes, na sua organização.

No que concerne às temáticas abordadas, a variedade é grande: estudos clássicos greco-latinos, legado clássico nas literaturas de língua portuguesa, estudos camonianos, humanismo e literatura neolatina do Renascimento.

Um dos textos que traduziu foi o *De Amicitia*, de Cícero. Sendo a amizade um dos valores que tanto privilegiou, destacamos alguns excertos dessa tradução:

Est autem amicitia nihil aliud, nisi omnium divinarum humanarumque rerum cum benevolentia et caritate summa consensus

Cic. *De Amicitia* 6.20

É que a amizade outra coisa não é, com efeito, senão uma maneira de sentir sobre todas as coisas divinas e humanas, acompanhada de um sentimento de estima e de afeto;¹

Cumque plurimas et maximas commoditates amicitia contineat, tum illa nimirum præstat omnibus, quod bonam spem prælucet in posterum, nec debilitari animos, aut cadere patitur. Verum etiam amicum qui intuetur, tamquam exemplar aliquod intuetur sui. Quocirca et absentes adsunt, et egentes abundant, et imbecilli valent, et, quod difficilium dictu est, mortui vivunt: tantus eos honos, memoria, desiderium prosequitur amicorum.

Cic. *De Amicitia* 7.23

E posto que a amizade encerre muitos e muito grandes proveitos, aquele que mais sobressai acima de todos é o facto de ela fazer nascer a luz de uma boa esperança no futuro e não consentir que os ânimos caiam em desalento e prostração. Com efeito, quem olha para um amigo verdadeiro vê nele por assim dizer uma imagem de si mesmo. É por isso que os amigos, ainda que ausentes, estão presentes; ainda que pobres, têm abundância; ainda que fracos, são fortes e, o mais difícil de dizer, ainda que mortos estão vivos: tamanha é a consideração, a lembrança, a saudade dos amigos que acompanha!²

Em jeito de conclusão, ficam palavras pronunciadas pelo Professor Doutor Carlos Ascenso André no elogio fúnebre, destacando as qualidades pessoais do Doutor Pinho:

“Sebastião Tavares de Pinho era um homem generoso, recto, íntegro, leal, honesto, de bom coração, amigo do seu amigo e contemporizador com os que o não eram, tolerante, afável; e era um homem de carácter; era, em suma, um homem bom, em toda a sua inteireza de ser humano. E, dizendo-se isso, tudo se diz.”

¹ Pinho, S. T. (1993), *Cícero: A Amizade*. Introdução, versão do Latim e notas. Coimbra: INIC, 33.

² Pinho, S. T. (1993), *Cícero: A Amizade*. Introdução, versão do Latim e notas. Coimbra: INIC, 34.

FORMAÇÃO

O muito que devemos aos Gregos

(texto introdutório da Acção de Formação “Iniciação ao Grego”)



Vimo-nos gregos para chegar aqui, tem sido uma verdadeira odisseia...

É que isto de sair de casa para vir estudar grego em tempos de pandemia não está fácil, só mesmo para um amante da sabedoria, um verdadeiro fileleno!

O que um professor não faz pela pedagogia, pela didáctica!... Consulta a pitonisa, mete-se a caminho, qual Jasão vencendo as tormentas na sua nau Argos, sempre em busca, sempre procurando desvendar e ultrapassar a enigmática resposta do oráculo.

E aqui estamos nós, vencidas todas as Circes, ultrapassados Cila e Caríbdis, fugindo a todos os monstros, enganando as sereias, buscando na paideia helénica a inspiração para sermos verdadeiros pedagogos, convencidos de que é importante deixar de utilizar o argumento “*Graecum est, non legitur*”...

Porém, isso era na Idade Média, dir-me-ão, porque agora já nem o *Graecum est* se escreve, ou se lê...

Por todo o lado, ainda há quem desconfie dos presentes gregos... Isso sempre assim será porque não se pode agradar a Gregos e a Troianos... O melhor argumento é atirar-lhes com a certeza de que todos temos um calcanhar de Aquiles e, mais cedo ou mais tarde, acabaremos atingidos.

“Cavalos de Tróia” há-os por todo o lado, temos é de estar sempre atentos e não fechar os ouvidos às Cassandras que vão clamando por aí...

Então, vamos seguindo o conselho de Sócrates, pensemos que nada sabemos, afinal. Por isso, esperemos que esta tragédia grega, tornada realidade, venha a resolver-se, por acção do destino ou com qualquer intervenção de um *deus ex machina*. Não esqueçamos, entretanto, que a caixa de Pandora se fechou antes que a esperança voasse.

Assim, tendo presente o lema helénico “nada em excesso”, vamos partir com Ulisses nesta Odisseia até Ítaca, sabendo que o mais importante não é a chegada, mas a viagem, como diz Kavafis:

Ítaca guarda sempre em tua mente.
Hás-de lá chegar, é o teu destino.
Mas a viagem, não a apresses nunca.
Melhor será que muitos anos dure
E que já velho aportes à tua ilha
Rico do que ganhaste no caminho
Não esperando de Ítaca riquezas.

(Κωνσταντίνος Καβάφης)

Isaltina Martins³ (Outubro de 2020)

³ A autora não usa o AO90.

LEITURAS A NÃO PERDER

A eterna e sempre nova paixão por Homero e suas histórias

As epopeias homéricas e as suas narrativas são a fonte inesgotável que continua a inspirar os escritores do nosso tempo. Partindo da *Ilíada* ou da *Odisseia*, a narrativa da Guerra de Tróia, a cólera de Aquiles ou a artimanha de Ulisses, tal como as aventuras deste pelo mar sem fim constituem um tema usado e glosado até à exaustão, em romances, novelas ou peças de teatro, sem esquecer a poesia, que a cada dia nos surpreendem pela originalidade, pela nova perspectiva das histórias, pela criatividade. Ouvimos a Guerra na voz das mulheres, assistimos à nostalgia do guerreiro Aquiles, vendo-o como um homem solitário e carente, conhecemos outras facetas de Helena, acompanhamos o dia-a-dia de Penélope e de seu filho... Enfim, uma narrativa sempre nova e sempre renovada, a provar que Homero está vivo, a mostrar-nos como o passado continua presente, a lembrar-nos que a literatura de todos os tempos e lugares não existiria, como a conhecemos, sem Homero, sem as narrativas lendárias do passado.

Eis alguns exemplos de obras, mais ou menos recentes, baseadas em Homero e nas suas personagens:

1. Em português e/ou tradução

1.1. Publicações portuguesas:

Christa Wolf (1989). *Cassandra* (narrativa). Lisboa: Cotovia.

Paulo José Miranda (1998). *O corpo de Helena* (teatro). Lisboa: Cotovia.

João de Castro Osório(1999). *A trilogia de Tróia* (poesia dramática). Lisboa: Nova Arrancada.

António Vieira (2000). *O Regresso de Penélope*. Lisboa: Colibri.

Hélia Correia (2000). *O Rancor – Exercícios sobre Helena* (teatro). Lisboa: Relógio d' Água.

John Erskine (2000). *A vida privada de Helena de Tróia*. Lisboa: Planeta Editora.

Margaret Atwood (2006). *A Odisseia de Penélope*. Lisboa: Teorema.

Colleen MacCullough (2006). *A Canção de Tróia*. Lisboa: Difel.

Antonio Sarabia(2007). *Tróia ao entardecer*. Lisboa: Casa das Letras.

Marion Zimmer Bradley (2008). *Presságio de Fogo*. Lisboa. Difel.

Glyn Iliffe (2009). *Ulisses, Rei de Ítaca*. Lisboa: Bertrand.

Peter Ackroyd (2009). *A queda de Tróia*. Lisboa: Teorema.

Margaret George (2010). *Helena de Tróia*. Lisboa: Editora Chá das Cinco.

Madeline Miller (2013). *O Canto de Aquiles*. Lisboa: Bertrand.

Daniel Mendelsohn (2018). *Uma Odisseia, um pai, um filho e uma epopeia*. Amadora: Elsinore.

Mary Beard (2018). *Mulheres e Poder*. Lisboa: Bertrand.

Pat Barker (2020). *O silêncio das Mulheres*. Lisboa: Quetzal.

Madeline Miller (2020). *Circe*. Lisboa: Minotauro.

1.2. Publicações brasileiras:

Sophie Chauveau (1991). *Memórias de Helena de Tróia*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.

Luiz Galdino (2001). *O rapto de Helena*. S. Paulo: Editora ftd.

Cláudio Moreno (2004). *A Guerra de Tróia*. Porto Alegre: L&PM Editores.

Fernando Carneiro (2004). *A Tróia de Aquiles – o mito pela visão do herói*. S. Paulo: Person.

Lindsay Clarke (2005). *A Guerra de Tróia*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Bettany Hughes (2008). *Helena de Tróia – deusa, princesa e prostituta*. Aletheia Editores.

Hugh Lupton et al. (2008). *As aventuras de Odisseu*. S. Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Lia Neiva (2010). *As mulheres da casa de Tróia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Francesca Petrizzo (2012). *Helena de Tróia: memórias da mulher mais desejada do mundo*. S. Paulo: Lua de Papel.

P. C. Castre (2013). *Deusa de Tróia*. Rio de Janeiro: Novo Século

João Pedro Roriz (2013). *O Mistério de Tróia*. Rio de Janeiro: Paulus.

Carlos Alberto Carvalho (2014). *Helena de Tróia – o destino de um povo*. Rio de Janeiro: Rovelle.

Menelaos Stephanides (2016, reedição). *Ilíada. A Guerra de Tróia*. S. Paulo: Editora Odysseus.

Menelaos Stephanides (2016, reedição). *Odisseia*. S. Paulo: Editora Odysseus.

Sylvain Tesson (2019). *Um Verão com Homero*. Rio de Janeiro: L&PM.

2. Em espanhol:

Santiago García & Javier Olivares (2020). *La Cólera* (novela gráfica). Astiberri.

Theodor Kallifatides (2020). *El asedio de Troya* (traduzido do sueco). Galaxia Gutenberg.

Isaltina Martins⁴

⁴ A autora não usa o AO90.

Nota Bene:

A Direção da APLG não concorda com o AO90, mas passou a usá-lo por ser obrigatório pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 8/2011, pp. 488-489, publicada no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 17, de 25 de janeiro de 2011, que determinou a introdução da nova ortografia no sistema educativo português, no ano letivo de 2011-2012. No entanto, respeita, plenamente, quem não o usa.

Agradecendo a vossa compreensão para a decisão tomada, a APLG continuará a pugnar pela abolição do AO90 e respeito pelas raízes linguísticas e culturais da Língua Portuguesa.